Laboratório Pedagógico
Anísio Teixeira

PROJETO PEDAGÓGICO ESCOLAR E COMUNITÁRIO

Todos por uma Cultura de Paz

Educação socioemocional contra a violência escolar

Francisco Cesar de Sousa

Projeto para aplicação. Edição 1ª edição, 2026. 2116 palavras, ~12 min de leitura.

LABORATÓRIO PEDAGÓGICO ANÍSIO TEIXEIRA

Todos por uma Cultura de Paz

Educação socioemocional contra a violência escolar

AUTORIA

Francisco Cesar de Sousa, neuropsicopedagogo clínico (SBNPp 18376 · CBO 2394-40)

SITE

laboratoriopedagogico.com.br/laboratorio/projetos/todos-por-uma-cultura-de-paz

Projeto de autoria de Francisco Cesar de Sousa, disponibilizado livremente para consulta, adaptação e aplicação em escolas, instituições e projetos comunitários, com crédito ao autor e ao Laboratório Pedagógico Anísio Teixeira.

Sumário

Objetivo 5

Por que este projeto importa 5

Como aplicar este projeto na sua escola ou comunidade 7

O que você vai precisar 7

Escopo 8

Cronograma de atividades 8

Metodologia 11

Como avaliar se está funcionando 11

O que o projeto entrega 12

Obstáculos possíveis — e como lidar com eles 12

RESUMO

Um roteiro de seis semanas de educação socioemocional contra a violência escolar, construído em torno de resolução de conflitos, empatia, respeito à diversidade, comunicação não violenta e cooperação. Traz a fundamentação legal e em dados reais do IBGE, orientações para adaptar o projeto a diferentes faixas etárias e contextos, e um cronograma semana a semana com atividades, registros coletivos e referências teóricas por tema.

FICHA DO PROJETO

PÚBLICO

Estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública (adaptável a outras faixas e a espaços comunitários)

FORMATO

6 encontros semanais de 2 horas (12 horas no total)

PARTICIPANTES

Uma turma escolar ou grupo comunitário equivalente

LOCAL SUGERIDO

Sala de aula ou espaço comunitário com possibilidade de organizar os participantes em roda

Objetivo

O projeto Todos por uma Cultura de Paz promove, entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública, a conscientização e a reflexão sobre o combate à violência, dentro e fora da escola. A proposta busca construir um ambiente escolar e comunitário mais saudável, incentivando a educação emocional e a formação de relações sociais positivas — não como campanha pontual, mas como prática sustentada ao longo de seis semanas.

O percurso é construído por meio de atividades temáticas e dinâmicas que convidam os alunos a explorar suas fragilidades e potencialidades. Os temas centrais são:

- Resolução de conflitos
- Empatia
- Respeito à diversidade
- Comunicação não violenta
- Cultura de paz
- Construção de autoconfiança e assertividade
- Solidariedade e cooperação

Ao desenvolver essas competências emocionais e sociais, o projeto aposta que os próprios estudantes se tornem agentes de transformação em suas comunidades — capazes de agir de forma consciente e respeitosa tanto dentro quanto fora do ambiente escolar.

Por que este projeto importa

A violência nas escolas, sobretudo em regiões periféricas, afeta diretamente o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, e a mais recente edição da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, do IBGE, dá a essa afirmação números concretos: 27,2% dos estudantes relataram ter sido alvo de deboche ou zombaria de forma repetida (duas ou mais vezes) nos trinta dias anteriores à pesquisa, e 12,5% dos estudantes deixaram de ir à escola por motivos de insegurança nesse mesmo período — proporção que sobe para 13,8% entre os estudantes de escolas públicas, quase o triplo da registrada nas escolas privadas (IBGE, PeNSE 2024).

Esses números confirmam o que a experiência cotidiana de qualquer educador já sugere: a convivência escolar não se ajusta sozinha, e intervenções estruturadas em habilidades socioemocionais fazem diferença real nesse cenário.

O Brasil possui um marco legal robusto que reforça a importância da educação para a promoção de uma cultura de paz. O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/1990) assegura a proteção integral de crianças e adolescentes e o direito a um ambiente escolar seguro. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/1996) afirma o compromisso da educação com a formação de cidadãos que respeitem os valores humanos e a dignidade do próximo. E as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (Resolução CNE/CP nº 1, de 30 de maio de 2012) tornam explícito, no currículo, o compromisso com o respeito aos direitos humanos e com a construção de uma convivência democrática.

Esses dispositivos dialogam diretamente com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030, firmada pela Organização das Nações Unidas em 2015 — em especial o ODS 4 (Educação de Qualidade) e o ODS 16 (Paz, Justiça e Instituições Eficazes), que preveem uma educação inclusiva e a promoção de sociedades pacíficas como metas concretas, não como aspirações vagas.

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável relacionados

ODS 4 — Educação de qualidade

- Meta 4.7: até 2030, garantir que todos os alunos adquiram os conhecimentos e habilidades necessários para promover o desenvolvimento sustentável, incluindo a educação para os direitos humanos, a igualdade de gênero, a cultura de paz e a não violência.
- Meta 4.a: construir e melhorar instalações físicas para educação, apropriadas para crianças e sensíveis às deficiências e ao gênero, proporcionando ambientes de aprendizagem seguros, não violentos, inclusivos e eficazes para todos.

ODS 16 — Paz, Justiça e Instituições Eficazes

- Meta 16.1: reduzir significativamente todas as formas de violência e as taxas de mortalidade relacionada em todos os lugares.
- Meta 16.2: acabar com abuso, exploração, tráfico e todas as formas de violência e tortura contra crianças.
- Meta 16.7: garantir a tomada de decisão responsiva, inclusiva, participativa e representativa em todos os níveis.

Como aplicar este projeto na sua escola ou comunidade

- **Quem pode conduzir:** professores, orientadores educacionais, psicólogos escolares ou neuropsicopedagogos. O projeto não exige formação específica em mediação de conflitos, mas recomenda-se que quem conduz tenha alguma vivência em rodas de conversa com adolescentes e esteja preparado para lidar com relatos espontâneos de violência que podem surgir durante as atividades.
- **Ajuste por faixa etária:** o roteiro, escrito para o ensino fundamental e médio, funciona sem grandes alterações do 6º ano em diante. Para turmas de anos iniciais, simplifique a linguagem das rodas de conversa e substitua os registros escritos ("tarefa para a vida") por desenhos ou relatos orais.
- **Conquistando a adesão da escola:** apresente o projeto à coordenação pedagógica junto com os dados da PeNSE citados na justificativa — números concretos sobre a própria realidade escolar brasileira costumam pesar mais na decisão do que uma proposta apenas qualitativa.
- **Fora da escola:** o mesmo roteiro se adapta bem a centros comunitários, projetos sociais e grupos de jovens em igrejas ou associações de bairro, trocando "a escola" por "a comunidade" nas rodas de conversa e nas tarefas para a vida.
- **Encontros de reposição:** como o projeto depende de continuidade semanal, reserve com a escola, desde o início, uma data de reposição para a semana em que um feriado ou evento escolar coincidir com o horário combinado.

O que você vai precisar

- Uma sala ou espaço onde seja possível organizar a turma em roda
- Papel, canetas coloridas e material de desenho para as dinâmicas de grupo (mosaico da diversidade, painel da empatia)
- Cartolinas ou papel kraft para os registros coletivos de cada semana (código de resolução pacífica, compromisso com a diversidade, plano de ação)
- Um caderno ou formulário simples de registro da "tarefa para a vida" de cada semana
- Se possível, um espaço na escola (mural, corredor) para expor os registros coletivos produzidos ao longo do projeto

Escopo

O projeto consiste em uma formação sobre Cultura de Paz com duração de um mês e meio: seis encontros semanais de duas horas. Dia, horário e seriação ficam a critério da escola ou instituição, conforme a rotina dos participantes.

Cronograma de atividades

Seis semanas, cada uma dedicada a um tema. Todas as semanas seguem a mesma estrutura: dinâmica de grupo, roda de conversa, fechamento do tema e uma "tarefa para a vida" retomada na semana seguinte.

1ª SEMANA

Resolução de conflitos

ATIVIDADES

Jogo de papéis em que os alunos representam personagens em conflito, para identificar causas e buscar soluções coletivas; roda de conversa sobre conflitos cotidianos.

FECHAMENTO

Elaboração coletiva de um "Código de Resolução Pacífica", usado pela turma durante todo o projeto.

TAREFA PARA A VIDA

Praticar um ato de gentileza no ambiente escolar ou familiar.

REFERÊNCIA

A abordagem é baseada em Rosenberg (2006), que propõe a comunicação não violenta como ferramenta para compreender e resolver conflitos de forma empática.

2ª SEMANA

Empatia

ATIVIDADES

Exercício "Caminhar nos Sapatos do Outro": os alunos compartilham experiências enquanto os colegas refletem sobre como se sentiriam na mesma situação.

FECHAMENTO

Criação de um "Painel da Empatia", com os sentimentos dos colegas expressos em desenhos ou palavras.

TAREFA PARA A VIDA

Compartilhar uma experiência relacionada à paz com colegas ou familiares.

REFERÊNCIA

Baseado em Goleman (2007), que situa a empatia como componente central da inteligência emocional.

3ª SEMANA

Respeito à diversidade

ATIVIDADES

"Mosaico da Diversidade": cada aluno cria uma peça que representa parte de sua identidade, montada ao final em um mosaico coletivo; roda de conversa sobre culturas, origens e identidades.

FECHAMENTO

Redação coletiva de um "Compromisso com o Respeito à Diversidade", exposto na escola.

TAREFA PARA A VIDA

Realizar uma atividade artística (desenho, poema, música) sobre o diálogo na construção da paz.

REFERÊNCIA

A prática se apoia em Freire (1970), que trata a educação como meio de respeito mútuo e aceitação das diferenças.

4ª SEMANA

Comunicação não violenta e cultura de paz

ATIVIDADES

"Eu Escuto, Eu Respeito": os alunos praticam ouvir sem interromper, atentos aos sentimentos e necessidades dos colegas; roda de conversa sobre linguagem positiva e escuta ativa.

FECHAMENTO

Criação de um "Plano de Ação para a Cultura de Paz", aplicável na escola, na família ou na comunidade.

TAREFA PARA A VIDA

Elaborar um plano de ação para promover a paz em um contexto específico escolhido pelo aluno.

REFERÊNCIA

Inspirado em Rosenberg (2006) e na perspectiva da Investigação Apreciativa de Cooperrider e Srivastva (1987), que valoriza a escuta ativa e as qualidades positivas de cada pessoa.

5ª SEMANA

Construção da autoconfiança e assertividade

ATIVIDADES

"A Força do Eu Positivo": cada aluno lista suas qualidades e as apresenta ao grupo; roda de conversa sobre se expressar de forma assertiva e respeitosa.

FECHAMENTO

Em duplas, os alunos discutem como poderiam se apoiar mutuamente diante de situações desafiadoras.

TAREFA PARA A VIDA

Escrever ou desenhar sobre um momento em que precisaram ser assertivos, e o que isso gerou.

REFERÊNCIA

Inspirado na psicologia positiva de Seligman (2004), que situa o fortalecimento da autoconfiança como fundamento de uma interação saudável.

6ª SEMANA

Solidariedade e cooperação

ATIVIDADES

"O Jogo da Cooperação": atividades em equipe nas quais os alunos precisam colaborar para alcançar um objetivo comum; roda de conversa sobre o impacto de ações cooperativas na vida em comunidade.

FECHAMENTO

Cada aluno escreve uma carta a um colega, reconhecendo uma ação de cooperação ou solidariedade observada ao longo do projeto.

TAREFA PARA A VIDA

Praticar um ato de solidariedade em casa, na escola ou na comunidade, e compartilhar a experiência com o grupo.

REFERÊNCIA

Apoiado na teoria sociointeracionista de Vygotsky (1998), para quem a aprendizagem se constrói na relação com o outro — a cooperação não é um complemento do desenvolvimento, é parte de como ele acontece.

Metodologia

A cada encontro, os alunos são convidados a refletir sobre suas próprias atitudes e comportamentos, de forma subjetiva e coletiva, identificando exemplos de violência que sofrem, presenciam ou praticam, e buscando alternativas para agir de maneira mais consciente e respeitosa. Dinâmicas de grupo, jogos, debates e trabalhos em equipe sustentam a participação ativa e a reflexão crítica.

Espera-se que, ao final do projeto, os alunos tenham construído relações mais saudáveis, pacíficas e respeitosas, dentro e fora da escola — e que se tornem, eles mesmos, multiplicadores desses valores em suas famílias e comunidades.

Como avaliar se está funcionando

- **Redução de incidentes de violência escolar:** acompanhar a frequência de relatos de violência antes, durante e depois do projeto.
- **Clima escolar:** colher o retorno de alunos e professores sobre a convivência no ambiente escolar.
- **Participação:** presença e engajamento dos alunos nas dinâmicas propostas.

- **Desenvolvimento socioemocional:** questionários simples ou rodas de avaliação sobre empatia, comunicação não violenta e resolução de conflitos.
- **Retorno qualitativo:** opiniões e sugestões dos próprios participantes sobre as atividades.

O que o projeto entrega

- **Relatórios de progresso:** documentos periódicos com as atividades realizadas, a participação dos alunos e os resultados preliminares.
- **Materiais produzidos:** os registros coletivos de cada semana (código de resolução pacífica, mosaico da diversidade, plano de ação, entre outros).
- **Análise de impacto:** relatório final com a análise dos indicadores observados nas escolas participantes.
- **Certificados de participação:** para alunos e professores que participaram ativamente.
- **Guia de replicação:** descrição das dinâmicas e atividades, pronta para ser aplicada por outras escolas ou projetos.

Obstáculos possíveis — e como lidar com eles

- **Prazo curto para um tema tão amplo:** seis semanas não esgotam a cultura de paz como tema — e não precisam esgotar. Escolha, com a coordenação da escola, quais dos sete temas do roteiro são mais urgentes para aquela turma específica, e aprofunde esses em vez de tentar cobrir todos com a mesma intensidade.
- **Baixo engajamento inicial de parte da turma:** comece pelas dinâmicas mais leves (os jogos de grupo) antes das rodas de conversa mais expositivas — alunos costumam se abrir depois de já terem se divertido juntos, raramente no sentido contrário.
- **Falta de recursos materiais:** praticamente todo o roteiro funciona com papel, caneta e espaço para roda — os únicos itens que pedem algum planejamento prévio são as cartolinas para os registros coletivos.
- **Resistência cultural ao tema em contextos de violência mais naturalizada:** não trate a resistência como oposição a vencer — trate como informação sobre o contexto da turma, e dedique mais tempo às rodas de conversa da primeira semana antes de avançar para os temas seguintes.

- **Conflitos reais surgindo durante as rodas de conversa:** é esperado, e é também um sinal de que a atividade está funcionando. Combine previamente com a coordenação pedagógica um protocolo simples para encaminhar, fora da roda, qualquer relato que exija atenção individual — a roda não deve virar espaço de exposição forçada de ninguém.
- **Dificuldade em medir o impacto real:** trate os indicadores qualitativos (retorno de alunos e professores, mudanças observadas no clima escolar) como tão válidos quanto qualquer número, e registre-os sistematicamente desde a primeira semana, não apenas ao final.
- **Sustentabilidade depois do fim do projeto:** antes da última semana, combine com a escola uma forma de manter viva ao menos uma prática — por exemplo, preservar o "Código de Resolução Pacífica" como referência afixada na sala pelo restante do ano letivo.

Referências

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Presidência da República, 1990.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Presidência da República, 1996.

BRASIL. Resolução CNE/CP nº 1, de 30 de maio de 2012. Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2012.

BUSS, P. M.; FERREIRA, J. R.; HOIRISCH, C.; MATIDA, Á. H. Desenvolvimento sustentável e governança global em saúde: da Rio+20 aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) pós-2015. RECIIS — *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, v. 6, n. 3, 2012. Disponível em: reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/759.

COOPERRIDER, D. L.; SRIVASTVA, S. Appreciative inquiry in organizational life. *Research in Organizational Change and Development*, v. 1, p. 129-169, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2024. Rio de Janeiro: IBGE, 2026.

LAVALL, T. P.; OLSSON, G. Governança global e o desenvolvimento na sua pluridimensionalidade: um olhar sobre a Agenda 2030 das Nações Unidas. *Direito e Desenvolvimento*, v. 10, n. 1, p. 51-64, 2019. Disponível em: periodicos.unipe.br/index.php/direitoedesenvolvimento/article/view/990.

ROSENBERG, Marshall B. *Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. São Paulo: Ágora, 2006.

SELIGMAN, Martin E. P. *Felicidade autêntica: usando a nova psicologia positiva para a realização permanente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



Laboratório Pedagógico Anísio Teixeira

Educação que começa no ser humano.

laboratoriopedagogico.com.br/laboratorio/projetos/todos-por-uma-cultura-de-paz

Todos por uma Cultura de Paz. Edição 1ª edição, 2026.